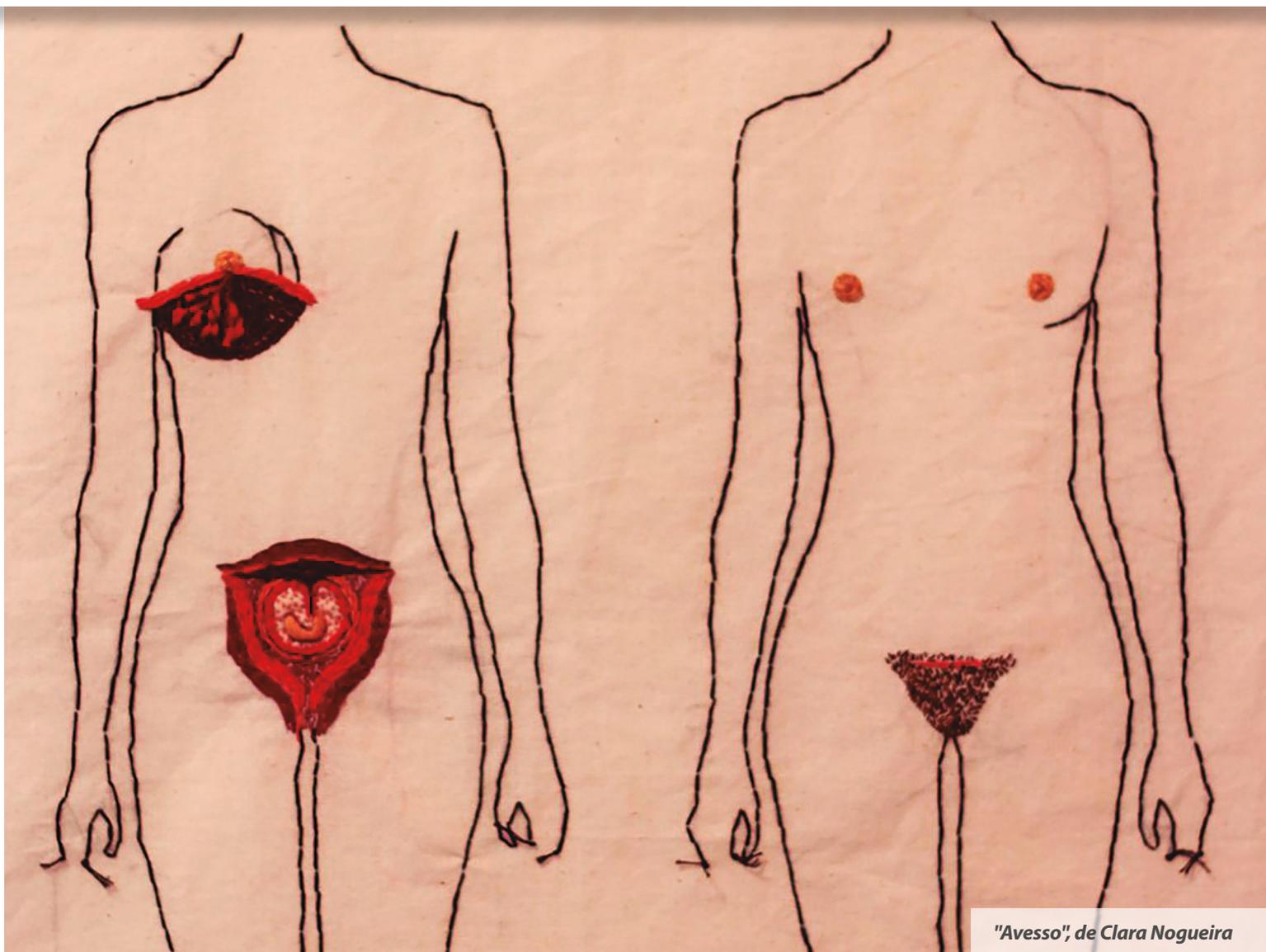


INTERVALO ANALÍTICO



"Averso", de Clara Nogueira

MATÉRIA DA CAPA

O que quer uma mulher no século XXI?

Em carta a Marie Bonaparte, Freud escreveria que mesmo depois de trinta anos pesquisando não entendia ainda a sexualidade feminina. (...) A pergunta se popularizou mais que a unívoca resposta.

Por Denise Salomão Goldfajn
página 3

FAZENDO PARTE DA NOSSA HISTÓRIA

Entrevista com Anna Lucia Melgaço

Ou os analistas buscam ampliar a sua escuta e conhecimento, incluindo em sua formação textos não necessariamente psicanalíticos, ou nossos consultórios realmente vão esvaziar.

Por Monica Aguiar & Sandra Gonzaga
página 4

EM QUE PONTO VOCÊ ESTÁ?

José Castello

"Não me considero um crítico, mas um 'leitor sentimental'. Fui sempre um leitor que se guia por impulsos e que está mais preocupado em ser interpretado pelo livro que lê."

Por Sandra Gonzaga & Tiago Franco
página 8

DIVAGAR É PRECISO

O que é lugar de fala?

"E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações."

Por Maria Teresa Lopes
página 10

SER FEMININO

"A vida é como um sonho; é o acordar que nos mata."

(Virginia Woolf)



A Psicanálise enfrenta ao longo dos tempos o desafio de compreender a sexualidade humana, em especial a sexualidade das mulheres. Colocada por Freud como um enigma, o avanço no entendimento da construção da subjetividade feminina contou com a sabedoria das mulheres fundadoras da Psicanálise, segundo Maria Rita Kehl, e com a perspicácia da escuta clínica dos(as) psicanalistas que seguiram adiante. A Psicanálise, termo feminino, nasceu e se desenvolveu abrindo espaço para indagações acerca do sintoma das histéricas, sobre o que falavam essas mulheres e o que não era dito, mas revelado no seu corpo. A mulher freudiana do séc. XX era circunscrita, na esfera do imaginário burguês da época, entre as posições fronteiriças das moças com instinto desenfreado e das mulheres casadas, mas com frigidez sexual. Madame Bovary, do romance de Flaubert, e a mocinha da canção "Xote das Meninas", de Luiz Gonzaga, são bons exemplos: *Ela só quer, só pensa em namorar. Mas o doutor nem examina, chamando o pai de lado lhe diz logo em surdina, que o mal é da idade e pra tal menina não há um só remédio em toda medicina*. E, ainda, "Três novelas femininas": "Medo", "Carta de uma desconhecida" e "24 horas na vida de uma mulher", de Stefan Zweig, obra do autor que Freud tanto admirava.

Diferentemente de Emma Bovary, as mulheres contemporâneas lutam e não se suicidam,

na melhor das hipóteses. Mas ainda morrem. Como não poderia deixar de ser, Marielle, presente no Intervalo Analítico com o depoimento tocante de Wania Cidade, presidente da SBPRJ, *Mulher Negra Existe!*

Homens e mulheres nascem com tendências à bissexualidade, pois não há definição possível para o bebê que é lançado ao mundo. Nascermos e nos tornamos um sujeito singular de acordo com vários fatores intrincados na história pessoal de cada um, no grande caldeirão das características sexuais psíquicas. Pensando nos dias atuais, retomamos a pergunta sobre *O que quer a mulher do séc. XXI?*, na matéria de capa, com texto de *Denise Goldfajn*, levando-se em conta os lugares que transita, como: ser da cultura, ser mulher, ser mãe, ser desejante. Tema infinito, como também são infinitas as possibilidades de *Ser* em uma existência singular e de autocriação.

Neste número do IA teremos a novidade de novos coeditores, em substituição à *Marina Tavares*, criadora da coluna *Psicanálise e Arte – Em que ponto você está?*. Marina, grande companheira de jornada e ideias férteis, inteligente e atenta com as artes. Quero agradecer o imenso carinho e a parceria incansável, sem a qual seria impossível a distribuição nos espaços culturais e o alcance do nosso jornal. Assim, a coluna muda de nome: *Psicanálise e Cia*, e passa para as mãos dos colegas *Sandra Gonzaga*, uma colabo-

radora de longa data que também traz com brilho as suas ideias, e o sangue novo de *Tiago Franco*, agregando com a sua perspicácia de escritor e sensibilidade psicanalítica. A entrevista com *José Castello* dá continuidade a essa nova parceria. Castello, escritor e crítico literário, com extensa estrada e proximidade com a Psicanálise, nos brinda com reflexões profundas e importantes.

Divagar é preciso com o livro de *Djamila Ribeiro*: "O que é lugar de fala?", com resenha de *Maria Teresa Lopes*. E no *Fazendo Parte da Nossa História* contamos com a entrevista de *Anna Lúcia Melgaço*, membro do Comitê de Mulheres e Psicanálise – COWAP, da IPA. Na *Coluna do Instituto* temos *Admar Horn*, apresentando a psicanalista *Marília Aisensstein*, e no *Espaço dos Membros Provisórios* o texto de *Ana Carolina Vieira*. Finalmente, o genial *Alfred Hitchcock*, na coluna *Psicanálise e Cinema*, por *Luiz Fernando Gallego*, que revela ainda o espinhoso relacionamento do cineasta com as suas atrizes. Pequenas histórias de paralelismos que Gallego costura tão bem, sempre surpreendendo.

Gostaria de mencionar, ainda, o trabalho da artista *Clara Nogueira*, autora da capa, que coloca no corpo da mulher algo do enigma feminino, da possibilidade do diálogo com a diferença e do alimento da vida.

■ **Lúcia Palazzo**
Editora

INTERVALO ANALÍTICO

Editora: Lúcia Maria de Almeida Palazzo

Colaboradores do Intervalo Analítico: Eloá Bittencourt Nóbrega, Mônica Aguiar, Luiz Fernando Gallego, Sandra Gonzaga e Silva, Tiago Franco, Samantha Nigri e Adriana Lasalvia

Secretária: Celyne Maués / **Projeto Gráfico e Editoração:** Fantastico Studio di Design / **Revisão Ortográfica:** Lucas Paiva

As opiniões dos autores das matérias são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICANÁLISE DO RIO DE JANEIRO – CONSELHO DIRETOR 2017-2018

Presidente: Wania Maria Coelho Ferreira Cidade; **Vice-Presidente:** Viviane Frankenthal; **1º Secretária:** Luciana Carvalho dos Santos; **2ª Secretária:** Eloá Bittencourt Nóbrega; **1º Tesoureira:** Ângela Barbosa Moura; **2ª Tesoureira:** Marcela Couto e Silva de Ouro Preto Santos / **Instituto de Ensino e Formação Psicanalítica:** Fernanda de Medeiros Arruda Marinho (Diretora), Miguel Calmon Du Pin e Almeida (Vice-Diretor), Maria Elisa Alvarenga (Secretária) / **Conselho Científico:** Ana Maria Sabrosa G. C. Nogueira (Diretora), Monica Maria Martins Aguiar (Secretária) / **Conselho Profissional:** Claudio Frankenthal (Diretor), Haydée Cortes de Barros S. Pina Rodrigues (Secretária) / **Clínica Social e Centro de Estudos Psicanalíticos:** Maria de Fátima Lobo Amim (Diretora), Claudia Fonseca Bernardes (Secretária) / **Departamento de Publicação, Biblioteca, Arquivo e Divulgação:** Sonia Bromberger (Diretora), Margaret Rose C. Waddington Binder (Secretária) / **Departamento de Difusão da Formação Psicanalítica:** Magda Rodrigues Costa (Diretora), Regina Wenkert (Secretária) / **Site:** Maria Lucia Moret de Carvalho



O que quer uma mulher no século XXI?

Estimulada a pensar sobre a pergunta do título, me vejo compilando uma lista com as respostas: amor, igualdade social, autonomia e respeito. Outra mulher em outro século faria uma lista diferente? Ou será a lista dessa mulher que escreve, durante o século XXI, em um Brasil conturbado, onde mulheres assassinadas em ato e em símbolo apontam para a evidência de uma subjetividade feminina que grita: "mulheres, presente!?" Percebo minha resistência em pensar sobre Freud, invocando a pergunta que se tornou um enigma: "Afinal, o que quer uma mulher?". Em carta a Marie Bonaparte, Freud escreveria que mesmo depois de trinta anos pesquisando não entendia ainda a sexualidade feminina. Ele daria sua resposta direta: ela quer ser mãe e ter filhos. A pergunta se popularizou mais que a unívoca resposta. A sexualidade feminina que Freud chamaria de "continente negro" passou a ser explorada, dominada e resguardada pela lei magna do tabu do incesto, presente no Complexo de Édipo, o mito central da constituição de uma identidade masculina fundante e civilizatória. Freud formularia que a complexidade do desenvolvimento sexual, tanto em homens como em mulheres, dependeria de forma constante e universal do inconsciente e suas pulsões. Já os papéis sociais do homem e da mulher não obedeceriam essa mesma constância, tornado-se cada vez mais plásticos, fluidos, termo contemporâneo, colocando à prova a centralidade do Complexo de Édipo (para homens) e do Édipo complexo (para mulheres). O enigma sobre a mulher, sua sexualidade e a inconstância das representações sociais e seus gêneros se faz presente na imagem da esfinge: cabeça de mulher e corpo alado de um leão. Imagem cindida e descontínua, metade humana e metade animal. No mito, perante a ameaça da esfinge, "decifra-me ou te devoro", Édipo responde de forma certa: é o homem – diz ele, transitando entre a infância, a adultez e a velhice. Um homem inteiro, com desenvolvimento próprio. Esse homem salvou a cidade de Tebas do encantamento bestial da esfinge, matando o perigo.

O herói másculo, contudo, não se libertou de seu desejo incessante pela rainha, pela esposa e pela mãe. A esfinge retorna, agora transformada em Jocasta. Solução e origem de enigmas, ambiguidade e ambivalências, se encontram em dimensões superpostas na figura feminina. Ferenczi, usando a mítica figura de Thalassa, mulher que representa a nostalgia de um retorno ao mar, sugere que o encontro sexual é, ao mesmo tempo, perpetuação da espécie e desejo de retorno à matriz originária. O mar simbolizaria o corpo materno para onde todo homem e toda mulher querem retornar indiferentemente. Assim, homem e mulher bissexualmente ora toleram a ambiguidade de ser um e outro, ora irrompem em desejos ambivalentes, sem quererem se diferenciar, oscilando entre a vida e a morte, e mantendo constante a tensão animal-social. Tensão também presente em outro mito de

origem: Lilith é a mulher original de Adão. Ela foi feita ao mesmo tempo e do mesmo barro e poeira de Adão. Ela é ele também. Entre disputas e reconhecimento, limites e ambivalências, Lilith perde seu posto, é banida da terra, transformada em lua negra e Adão, agora distante dela, sofre sozinho. O criador nota o sofrimento de Adão, e da sombra traumática de Lilith surge Eva, segunda mulher, carne e osso de Adão. Mas, novamente, é a curiosidade e o desejo despertados por Eva que quebram o encanto, levando Eva e Adão a novos destinos, rompendo, criando, retornando. O que quer uma mulher? Tolerância para suportar as ambiguidades e diferenças, resistir às valências mais violentas e coragem para viver seu próprio e autêntico desejo. E o que querem os homens? Desejos diferentes?

■ **Denise Salomão Goldfajn**
dsgoldfajn@gmail.com



Entrevista com Anna Lucia Melgaço

Conte-nos um pouco da sua trajetória

Inicialmente, gostaria de agradecer ao convite da colega Monica Aguiar para responder a esta entrevista. Em meados de 1984, entrei para esta casa que, pela primeira vez, e acredito única, recebeu duas turmas: uma pela manhã e outra à noite. Eram, em sua maioria, bem jovens, mas eu estava prestes a completar 43 anos. Dois colegas terminaram sua formação num tempo considerado recorde: Altamirando Andrade e Luiz Alberto Helsinger, e tiveram uma trajetória admirável. Lamentavelmente, Helsinger já não se encontra entre nós. Pouco menos de um ano após esses colegas, também recebi o título de membro efetivo. Antes da tenebrosa intervenção da IPA, passávamos direto de membro provisório para membro efetivo. Quando iniciei a formação já tinha uma trajetória bastante enriquecida em cursos de Psicanálise para psicólogos, supervisões com psicanalistas da IPA (Eduardo Kalina e Maurício Knobel, entre outros), um trabalho com crianças junto à Katharina Kemper e uma formação em psicodrama psicanalítico, embora nunca tenha exercido essa modalidade em mi-

na prática clínica. Nesta época, estive em terapia de grupo, durante cinco anos, com um analista chamado Henrique Baez, do então CPRJ.

Uma dessas supervisões foi com Carlos Castellar, analista da SBPRJ. Convidada pela amiga Marly Dias – posteriormente minha colega de formação – para fazer parte como ouvinte, já que ainda não tinha paciente em psicoterapia. Para ficar claro: psicólogo não podia trabalhar com Psicanálise. Curiosa e assustadoramente, meu primeiro paciente em consultório era homem, médico e homossexual. Castellar, muito oportunamente, me disse que todo paciente era um bebê que precisava ser cuidado, sem jamais ter mencionado anteriormente algum texto de Donald Winnicott – autor que eu conhecia ligeiramente, porque no Instituto de Psicologia da UFRJ, faculdade por mim cursada, meu professor de Filosofia, Garcia Roza, havia indicado o livro "A Criança e seu Mundo". Creio que meu grande interesse por Winnicott começou aí, mas na realidade não prestei muita atenção. Tempos mais tarde, em análise com Sigmund Perestrelo, e me foi indicada Carmen Dametto para supervisora. Foi uma

benção. Com ela aprendi, entre outros ensinamentos, que não temos que ter medo do paciente. Aí, sim, creio que meu comprometimento com a clínica verdadeiramente começou a desabrochar.

Já estava em análise há cerca de cinco anos quando meu analista foi alçado à condição de didata por um movimento democrático e revolucionário do conselho, sob a presidência da Dra. Rosa Beatriz Pontes de Miranda. E, então, dois anos depois de abrirem ingresso para os psicólogos, eu me candidatei.

"Busquei análise não para formação, mas para minhas 'de-formações'."

E tenho um grande respeito pela minha busca. Entrei em análise não para fazer formação psicanalítica, e sim, para tratar da minha doença. Pode ser bobagem para alguns, mas isso para mim faz toda diferença.

Voltei-me novamente para Winnicott, quando entrei para a Sociedade e me apaixonei pelo curso de Observação da Relação Mãe bebê. Sem dúvida, foi o grande alicerce de minha formação psicanalítica. Agradeço à Geny Talberg o convite que veio mais tarde para ser uma das professoras desse curso.

Conte-nos sobre a trajetória das ideias de Winnicott no Rio, a história da introdução dos textos dele no Brasil.

Ainda num tempo em que o pensamento psicanalítico de Winnicott não era muito bem aceito nas Sociedades Internacionais (pelo que consta, quando vivo, podia exercer atividades políticas, mas as ideias psicanalíticas eram um pouco rejeitadas), Inaura Carneiro Leão e um gru-

po de colegas, incluindo Julio de Mello Filho, iniciaram um grupo de estudos sobre o pensamento de Winnicott, aqui na SBPRJ, quer dizer, na casa de Inaura. Um pouco mais tarde, Inaura entusiasmou-se pela Psicologia do *Self* e Julio de Mello levou adiante esse projeto, e, posteriormente, começou a apresentar o curso na modalidade não eletiva. Por sorte, tenho impressão que a minha turma foi a primeira a desfrutar desse curso, apesar das correntes diferenciadas dos analistas dos colegas. Certamente nenhum era seguidor de Donald.

Antes do término da minha formação (1986) já estava formado o grupo de estudos de Winnicott, inicialmente na casa de Julio, depois na casa de Anna-Maria Bittencourt e, mais tarde, na casa de Ruth Goldenberg, da SPID.

O primeiro evento de Winnicott no Brasil aconteceu aqui no Rio (1991). Chamamos Winnicott 20 anos depois, comemorando os 20 anos de morte de Donald. Desconhecíamos o interesse pelo autor pelos psicólogos e estudantes de Psicologia e fora das Sociedades de Psicanálise. Lotamos o auditório do IBAM, em Botafogo, e precisamos frustrar vários interessados. Confesso que foi uma surpresa para todos nós, organizadores. Como fruto, organizamos, Julio e eu, o livro "Winnicott, 24 anos depois".

Com o passar do tempo, o colega e grande amigo gaúcho José Outeiral, da SPPe, foi membro convidado da nossa Sociedade e coordenamos um grupo de estudos aberto aos membros de instituições não-filiadas à IPA durante mais de seis anos. Paralelamente, a colega Edna Vilete liderava um grupo de estudos na SBPRJ. Junto com Outeiral e Nahman Armony (CPRJ), organizei o livro "Winnicott: Seminários Cariocas" (2008), com textos de analistas estudiosos de Winnicott que frequentavam nosso grupo. Lamentavelmente, o colega Outeiral faleceu no ano de 2013. A SBPRJ esteve na coordenação dos Encontros Latino-americanos no Rio (2000, 2009 e 2015), sendo que no último também encerramos as inscrições praticamente um mês antes. Esse nos deu o livro "Winnicott: Integração e diversidade", lançado na Sociedade em março passado.

Fale-nos sobre seu envolvimento com a COWAP e como vê o feminismo de hoje.

Ser membro de enlace do COWAP (Comitê de Mulheres e Psicanálise da IPA), que agora se intitula "de mulheres e homens", já que temos vários colegas atuantes e representativos, foi um grande presente que a Sociedade me deu na gestão de Altamirando, por meio de Cristina Amendoeira, que me passou o cargo. Tenho a alegria pelo respaldo da Sociedade por me permitir ocupá-lo até o momento, quando compartilho com Lucia Moret. Na presidência de Otto Kernberg foi nomeada a primeira *chair* deste Comitê – que se encarregou de questionar e analisar os temas de gênero, as novas sexualidades e as divergências sexuais, e as sociedades patriarcais que ainda vivemos, na qual a IPA "estava" cimentada. Marian Alizade, psicanalista argentina, já falecida, deixou uma grande lacuna e foi um grande exemplo a ser seguido. Em artigo na Revista Brasileira de Psicanálise, lembra o enunciado de Freud, de 1937, que fala que a pedra fundamental para ambos os sexos é a recusa da feminilidade. Aponta que a feminilidade persiste como atributo denegrido e reprimido. Podemos pensar que esse movimento do COWAP, que suas (seus) participantes ousadamente não aceitaram mudar a sigla, está por trás da eleição de uma mulher na presidência da IPA (Virginia Ungar). Lembremos Simone de Beauvoir (1949): "Não existe diferenciação entre macho e fêmea, ninguém nasce mulher, torna-se mulher". Nada melhor que as palavras de Dominique Fingermann para responder como vejo o feminismo hoje: "O feminino não se procura: se acha onde não se pensa". Curiosamente, dizem os estudiosos de gênero, que na atualidade o desejo nos homens de ser mulher é mais frequente que o desejo das mulheres de serem homens. No Brasil, fundamos o grupo COWAP-Brasil, do qual sou membro da Comissão Diretiva. A colega Flavia Strauch faz parte do grupo brasileiro. Algumas psicanalistas da SBPRJ também participam, sendo Debora Unikowski bastante atuante.

Tive a oportunidade de participar praticamente de todos os encontros do COWAP, sendo que o próximo Diálogo (XIII) se realizará em fins de abril, em Montevideu, na APU, quando apresentarei um trabalho sobre um (uma) paciente transexual.

Nada melhor que as palavras de Dominique Fingermann para responder como vejo o feminismo hoje: 'O feminino não se procura: se acha onde não se pensa!'"

O que ainda considera mais essencial em um psicanalista?

Tive a oportunidade, aqui mesmo no Intervalo, de apontar que a Psicanálise e os psicanalistas precisam ouvir as ruas. A escuta do psicanalista, no meu entender, não pode se fechar ao âmbito do seu consultório, às supervisões, aos cursos teóricos e aos seus analistas e aos textos de outros colegas psicanalistas. Muito embora, paradoxalmente, ainda considere o tripé análise pessoal, supervisão e cursos teóricos fundamental numa boa formação. Fundamental, mas não, na atualidade, suficiente. O perfil do paciente que tem chegado aos nossos consultórios mudou muito. Ou os analistas buscam ampliar a sua escuta e conhecimento, incluindo em sua formação textos não necessariamente psicanalíticos, ou nossos consultórios realmente vão esvaziar. E isso, espero que compreendam, não significa necessariamente sair do papel que exige uma abstinência necessária e, ante tudo, inteligente.

Contudo, quero deixar claro que a análise do psicanalista é fundamental e imprescindível. Aqui, faço uma licença poética, assim como objeto transicional descrito por Donald Winnicott, análise pessoal e autoanálise são para a vida toda: têm que estar lá, à mão ou no limbo, para serem encontradas e reencontradas sempre que se fizerem necessárias.

■ Monica Aguiar & Sandra Gonzaga
monaguaiar@aol.com / sagon@globo.com



Poema como o início de uma vida



"...Se ninguém jamais nos tivesse amado, não seríamos ninguém."

(Paul Baudiquey, 1998)

Há poucos dias, a Editora Prospectiva, em parceria com a SBPRJ, lançou o livro "Winnicott: Integração e Diversidade", uma coletânea de trabalhos de psicanalistas que envolve a interlocução de saberes, da teoria à clínica contemporânea. Conversas entre neurociência e Winnicott, questionamento de manejo terapêutico, o impacto da imposição da cultura, a alteridade na parentalidade e conjugalidade são alguns dos motivos que me fizeram dormir mais tarde por alguns dias...

Inspirada pelo mês de maio... Em especial, pelo segundo domingo de maio, voltei-me para os livros e para o amadurecimento do desenvolvimento emocional e, naturalmente, chego à palavra-chave, peça central do estudo

e interesse do Dr. Winnicott: mãe-bebê. Essa relação delicada e vital o faz desenvolver o conceito dos três estágios da dependência (1993), sendo necessariamente iniciada como uma relação de "dependência absoluta", em direção à "dependência relativa", até finalmente chegar no conceito do "rumo à independência". Vale lembrar que o autor considera o fenômeno da dependência algo positivo; para ele não faz sentido pensar-se no indivíduo isoladamente nas fases precoces, o ambiente (mãe/mãe substituta e o que ela apresenta) é vital para a emergência do "si mesmo". Em cada um desses estágios, Winnicott desenvolve as teorias acerca da relação mãe-bebê com base em suas vivências como pediatra e como paciente da

psicanalista Joan Riviere, com quem fez sua análise adicional.

Viver esses estágios da dependência, assim como ele as desenvolve, quando possível, nos torna capazes de existir e de sentir a nossa própria existência. Feliz Dia das Mães, embalado pelo som que canta Djavan em um trecho de Sina, em que reconhece e conecta a importância da relação parental, do amor e da rotina como continuidade: "(...) pai e mãe/ouro de mina, coração/desejo e sina/tudo mais/pura rotina/jazz (...)"

Essa é, ao meu sentir, parte da beleza e da sina da nossa profissão: estar vivo no tempo e no ritmo do outro para acompanhar quem nos procura.

■ **Ana Carolina Vieira**
anaccbvieira@gmail.com



NOTAS DO CONSELHO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA – 19 de março de 2018

1) Homologações:

1.1) Solicitação de desligamento do membro associado **Margarida Maria Torres Costa**;

1.2) Solicitação de desligamento do membro efetivo **Maria Beatriz Breves Ramos** e do membro associado **Monica Marques Tenenbaum**;

1.3) Mudanças dos editores da Revista TRIEB: **Bernard Miodownik, Karla Loy** e **Maria Noel Brena Sertã** (em substituição a Maria do Carmo Andrade Palhares e Munira Aiex Proença).

Parabenizamos **Margaret Rose C. Waddington Binder**, aceita como membro titular no **Instituto de Psicossomática de Paris – IPSO Pierre Marty**.



Marília Aisenstein na SBPRJ

Certamente a próxima vinda da nossa colega Marília Aisenstein vai continuar enriquecendo trocas entre os psicanalistas da Sociedade de Psicanálise de Paris e do Instituto de Psicossomática de Paris, com a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Marília é psicanalista titular de duas importantes Sociedades de Psicanálise europeias, a de Paris e a de Atenas. Ela trabalha nas duas Sociedades e presta, atualmente, um relevante trabalho na Sociedade de Psicanálise de Atenas, sua cidade de origem. Já foi presidente da Sociedade de Psicanálise de Paris e do Instituto de Psicossomática de Paris, Pierre Marty. Este esboço do seu vasto CV é uma amostra da sua militância política na Psicanálise, tanto na sua trajetória pessoal quanto nas instituições psicanalíticas onde trabalhou ao longo desses últimos anos.

Em 1992, recebeu o prêmio Maurice Bouvet, concedido ao melhor trabalho de Psicanálise publicado na Revista Francesa de Psicanálise: - *De "l'art du tir à l'arc" à celui de la psychanalyse, Revue française de psychanalyse* LVI (2) 345-352, 1992.

Tem estado ativamente engajada em trabalhos institucionais, especialmente com a IPA, tendo sido, nesses últimos anos, "Chair" dos novos grupos internacionais da IPA. Foi representante europeia no *board* da IPA durante um longo tempo.

Tenho um grande prazer em conviver com a Marília já há vários anos, pois nos conhecemos logo que cheguei em Paris, no início dos anos 80, quando iniciei a minha formação na Sociedade Psicanalítica de Paris e no Instituto de Psicossomática de Paris, onde sou atualmente analista titular.

Sua formação teórica básica inclui a Psicologia e a Filosofia. Certamente suas raízes familiares gregas foram sempre privilegiadas, tendo se tornado uma grande conhecedora dos filósofos gregos. Essa bagagem intelectual lhe serviu como fonte inspiradora de vários relatos clínicos publicados em revistas de Psicanálise francesas e internacionais. Sua participação ativa nos hospitais psiquiátricos parisienses sem dúvida nenhuma lhe deu uma excelente base e conhecimento profundo da dor psíquica.

Alguns conceitos e temas da metapsicologia freudiana sempre estiveram presentes na sua prática teórico-clínica, entre outros, Masoquismo, Narcisismo, Hipocondria, Neuroses em psicossomática e a prática do Psicodrama psicanalítico individual.

Pierre Marty e André Green, dois grandes pensadores teóricos da Psicanálise, têm uma influência significativa na sua obra.

Nos sentimos prestigiados com a sua vinda ao Rio, onde já existe, há um certo tempo, o Instituto de Psicossomática-RIO, denominado IPSO-RIO, atualmente coordenado por mim. Recentemente, a nossa colega Margaret Binder, que participa do IPSO-RIO há vários anos, concluiu sua formação e foi admitida como membro efetivo do Instituto de Psicossomática de Paris.

Do ponto de vista teórico, dessa vez, Marília nos trará a sua interessante e desafiadora visão sobre um tema bastante discutido atualmente: "o enigma da dor". Além disso, fará comentários sobre casos clínicos que serão apresentados pelas nossas colegas Sonia Bromberger e Margaret Binder.

Marília tem uma vasta experiência tanto clínica quanto institucional e vive em sua biografia de grande mulher a Psicanálise quase que em tempo integral.

■ **Admar Horn**
horn@osite.com.br

VAI ACONTECER

PARCERIA SBPRJ – MIDRASH

03 de maio, às 20h

Leitura da peça *Atrás do Mundo* – A arte que transforma a dor, de Maria Eduarda Carvalho, seguida de bate-papo com a autora, e José Renato Avzaradel, psicanalista SBPRJ.

Mediação: Sônia Eva Tucherman, psicanalista SBPRJ

Local: Midrash Centro Cultural

LANÇAMENTO REVISTA TRIEB-CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa)

18 e 19 de maio

Local: Sede SBPRJ

PSICANÁLISE & CINEMA

25 de maio, às 19:30h

100 anos de Ingmar Bergman III: Debate sobre Bergman, o silêncio de Deus e a Loucura a partir do filme "ATRAVÉS DE UM ESPELHO".
Debatedores: Bernard Miodownik e Luiz

Fernando Gallego, psicanalistas SBPRJ

Local: Sede SBPRJ

REUNIÃO CIENTÍFICA

07 de junho, às 21h

"Tão fútil e de tão mínima importância", Livro de Tiago Franco, que recebeu o primeiro lugar no Prêmio RJ de Literatura 2016.

Convidado como palestrante-comentador: José Castello

PSICANÁLISE & CINEMA

22 de junho, às 19h

100 anos de Bergman IV: Debate sobre BERGMAN ESCRITOR a partir do filme "CONFISSÕES ÍNTIMAS", dirigido por Liv Ullmann, baseado em "Confissões", livro de Bergman.
Debatedores: Celmy Ararape Quilelli Correa e Luiz Fernando Gallego, psicanalistas SBPRJ

Local: Sede SBPRJ

ENCONTRO CLÍNICO COM PSICANALISTAS

DE DIVERSAS CORRENTES TEÓRICAS

28 de junho, quinta-feira, e 30 de junho, sábado

Em breve mais informações.

Local: Sede SBPRJ

JORNADA BION

21 de julho, sábado; 23 e 24 de julho, segunda e terça-feira

Em breve mais informações.

Local: Sede SBPRJ

PSICANÁLISE & CINEMA

27 de julho, às 19:30h

100 anos de Bergman V (final): debate sobre BERGMAN e o Silêncio de Deus a partir do filme "GRITOS E SUSSURROS" (1972), reconhecido como uma das maiores obras-primas do cinema.
Debatedores: Fátima Amin e Luiz Fernando Gallego, psicanalistas SBPRJ

Local: Sede SBPRJ

Mais informações: www.sbprij.org.br

Com alegria e o peso da responsabilidade, assumimos a tarefa de dar continuidade ao belo trabalho de Marina Tavares à frente da coluna *Psicanálise e Arte*. Nossa ideia, nesta nova coluna, é estender a interlocução entre a *Psicanálise e a cultura*, agregando outras formas de expressão artística, outros discursos a esse debate, como as ciências humanas, sociais, a literatura etc. Nada mais natural que, daqui em diante, a coluna passe a se chamar *Psicanálise e Cia*. Boa leitura!

Sandra Gonzaga e Tiago Franco



“Escrevendo, afasto o medo e adio a morte”

José Castello, escritor e crítico literário, vencedor do Prêmio Jabuti por duas vezes com “*Vinícius de Moraes: O poeta da paixão*” e “*Ribamar*”.

O escritor trabalha há anos em um romance ambientado em Lisboa para adiar a morte.

Em que ponto você está?

Sinto-me sempre em uma encruzilhada. Estamos sempre em movimento, e cada perna dessa encruzilhada caminha numa direção. Dito isso, posso me arriscar a falar de alguns caminhos que hoje tento percorrer. Há mais de dez anos, trabalho em “meu romance português”, porque a ação se desenrola em Lisboa. Escrevo em cadernos, de forma dispersa e caótica. Gostaria de ter mais tempo para me dedicar a esse romance. Minha sorte é que meu protagonista, Luis de Aguiar, um crítico literário, é um homem paciente e está sempre a me esperar.

Trabalho também em um ensaio mais longo sobre Clarice Lispector. Escrevo

contra a ideia de uma Clarice lírica, mística, feminina. Tento mostrar como ela enfrenta temas ásperos, como a agressividade, a raiva e o ódio. Tento ainda trabalhar com alguns dos conceitos mais fortes que ela criou, ou recriou, como “coisa”, “momento-já” e “it”. Leio Clarice desde os 19 anos, quando descobri “A paixão segundo G.H.”. A leitura me deixou doente. Um médico foi chamado e diagnosticou: “o que ele tem é uma paixãoite”. O doutor leu “G.H.” em meu corpo. Nunca encontrei um crítico literário mais sábio.

Dedico-me, ainda, a minhas colunas mensais no jornal “Rascunho” e no suplemento “Pernambuco”. Encaro-as como colunas de resistência. Num

momento do país em que vivemos um retrocesso político e social assustador, tento continuar a acreditar e ir em frente.

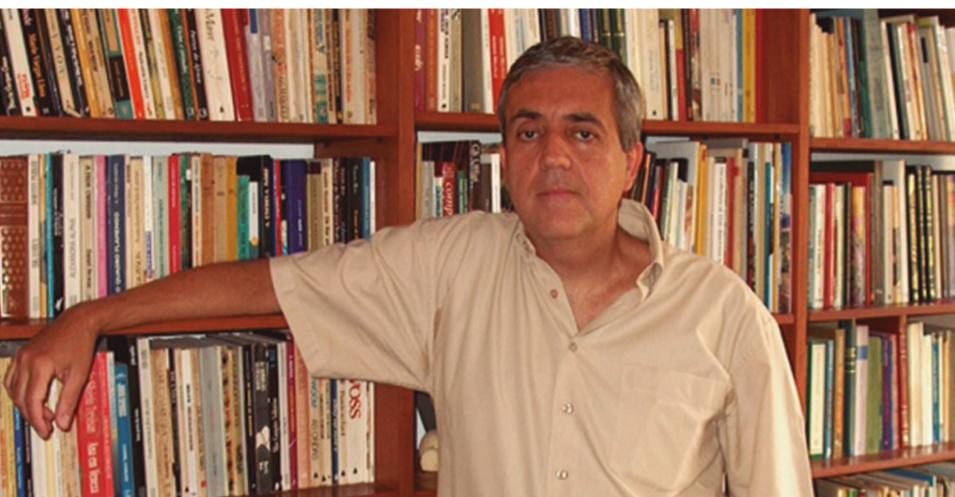
Como convivem o escritor e o crítico literário em você?

Não me considero um crítico, mas um “leitor sentimental”. Fui sempre um leitor que se guia por impulsos e que está mais preocupado em ser interpretado pelo livro que lê. Essa é a ideia, aliás, que desenvolvo em meu livro “A Literatura na poltrona”. Tomando como metáfora o consultório do analista, eu diria que o leitor não se senta na poltrona – não é ele quem “interpreta” o livro –, mas, sim, se deita no divã. Quem se acomoda na poltrona do analista é o livro, é a Literatura. Quando leio um romance, é ele que me interpreta, que me “lê”, e não o contrário, como se costuma crer.

Talvez seja possível reformular sua pergunta: “Como convivem o escritor e o leitor sentimental?”. Escrever e ler é, na verdade, uma atividade só. Todo escritor é também seu primeiro leitor. E escrever é, no fim das contas, ir lendo o que se escreve, “criticando” e reescrevendo. Sem ler apaixonadamente, ninguém se torna escritor.

Você tem feito oficinas de leitura e de criação literária Brasil afora. Fale sobre sua função na “formação” de novos leitores e escritores.

Ao invés de “formar”, prefiro a ideia de “deformar”.



José Castello

Faço um trabalho de deformação de mentes: tento desconstruir vícios, tiques, repetições, manias. Tento, em resumo, empurrar cada “aluno” para si mesmo. O que me interessa não é que “escrevam bem”. A leitura deve provocar mal-estar. A ideia é que o aluno encontre seu caminho singular e inegociável. O que menos importa é saber se eu entendo, ou mesmo acato, esse caminho ou não.



“Ribamar”, prêmio de melhor romance no Jabuti de 2011, é talvez seu romance mais “psicanalítico”. Como se sentiu expondo a relação com seu pai, ainda que por meio da ficção? Qual é o lugar da autoficção?

Começo a responder pelo fim: toda ficção, mesmo a mais realista, é autoficção. Toda ficção parte, ainda que muito secretamente, de memórias pessoais, de sonhos íntimos, de uma visão do mundo que é sempre singular.

Penso que os pais, com o desejo de proteger os filhos, em particular os filhos homens, que costumam ver como seu espelho e seu duplo, tentam sempre alistar seus filhos em uma série “masculina”, que lhes preserve a identidade. Foi justamente o que meu pai, José Ribamar, tentou fazer comigo, um filho esquisito e dissonante. Todo filho destoa sempre não só dos ideais, mas da figura do pai. “Ribamar” não é, portanto, um romance “sobre” meu pai. É mais um romance “através” do pai. É uma tentativa, tardia, mas ainda a tempo, de atravessar essa figura totêmica – transformada pelos olhos do filho em algo maior que sua dimensão real – e, chegando ao outro lado, conseguir não só encontrar seu próprio tamanho e talhe, mas também um pai real, menos onipotente, mas também mais amoroso.

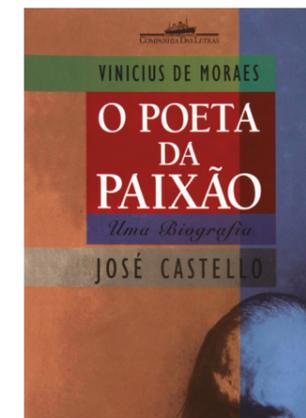
Assim também olhamos nossos psicanalistas: de viés, “através” deles. Tanto é difícil fitá-los que a tradição manda que nos deitemos de costas para eles. Aqui, nesse “olhar através”, talvez esteja uma aproximação

possível entre meu “Ribamar” – um livro sobre esse pai que se senta atrás de mim, esse pai que me precede – e a Psicanálise.

Quais as relações possíveis entre Literatura e Psicanálise?

Ambas promovem uma escavação interior. Ambas trabalham com a memória, o sonho, a imaginação, as margens. Em um mundo cada vez mais uniformizado e planejado, em um mundo dominado pela quantidade e pela repetição, Literatura e Psicanálise, cada uma a seu modo, se tornam vias de expansão e de libertação. Não é por acaso que, desde Freud, os psicanalistas se interessam muito pela Literatura. Também não é por acaso – pensando agora em meu pequeno caso – que tantos grupos de psicanalistas me chamam para trocar ideias e para falar do meu trabalho. Ambas trabalham com a cegueira, com a surpresa, com a turbulência e com o acaso – elementos desprezados no mundo tedioso, mas também feérico, ofuscante mesmo, que nos cerca. Ambas tentam partir do zero – o que não é pouco, em um mundo tão pragmático e previsível.

Quais são as suas maiores “angústias de influência” na Literatura?



Todo escritor tem os seus interlocutores íntimos, outros escritores, muito maiores do que ele, com quem dialoga em silêncio. No meu caso, estou sempre a ler e reler Clarice, Kafka, Pessoa, Dostoiévski, Kawabata, João Cabral. De alguma forma – como fazemos com nossos pais na infância – estou sempre “em luta” com eles. Eles me alimentam, mas tenho receio de que também me engulam.

“Ser” escritor é, um pouco, traçar os limites que me separam, mas também me aproximam dessas influências. Creio ainda que todo escritor (todo leitor) “sai” de um livro original, uma espécie de “livro mãe”. No meu caso, penso que nasci – como homem, como leitor, como escritor – do “Robinson Crusóé”, de Daniel Defoe, que li pela primeira vez, completamente assombrado, aos 8 anos. Romance que me formou e que está

sempre a trabalhar – como uma possessão, ou uma segunda alma – dentro de mim. Não é exagero dizer que eu “habito” Robinson Crusóé, ou que, ao contrário, o romance de Defoe me “habita”. A história daquele naufrago que perdeu tudo, e que precisou recomeçar do zero, na verdade, não é apenas a minha história, mas a história de todos nós, que, depois de nove meses de nirvana, somos expulsos do corpo da mãe e, tão precocemente, precisamos sobreviver e nos inventar. O corpo de uma mãe é o navio em que Robinson viajava, cheio de esperanças e de sonhos. A ilha em que ele se abriga é o ponto zero a partir do qual ele é obrigado a se reconstruir.

Na maturidade, ao ler pela primeira vez “Crime e castigo”, de Dostoiévski, descobri, enfim, o homem que sou, e também o homem que não sou. São livros de que nunca me afasto. São meus interlocutores mais frequentes – mesmo que eu não pense nisso, e tampouco escolho isso. Certamente me produzem angústia: na hora de escrever, estão sempre a rondar e a me vigiar. Mas são livros, também, que me empurram e que fizeram de mim o homem que sou.

O que deseja enquanto escritor?

Não sei o que desejo, francamente. Alguns escritores dizem que escrevem “para se expressar”, mas não penso que a literatura seja uma forma de expressão – já que não existe uma ideia anterior que a escrita venha resumir. Outros escritores dizem que escrevem “para se salvar” – mas basta ler os diários de Kafka para constatar o estado de grande desolação e de vazio que o tomava após a escrita. Alguns escritores afirmam escrever “para se conhecer”, mas a desordem e o caos, o estado de escuridão em que o escritor trabalha desmentem isso. A resposta talvez mais simples, mas também mais honesta, é uma redundância: quero escrever porque quero escrever. O próprio ato, a própria busca, é também o objetivo.

Talvez a resposta que mais se aproxima da verdade seja: escrevo para me sentir menos sozinho. Não penso só na companhia – em geral, inacessível – dos leitores, mas na companhia mais perturbadora, mas também mais íntima, das palavras. As palavras me aquecem, me consolam, me dão um chão. Já não importa saber se sou um bom escritor, ou se sou um mau escritor: o que importa é que, escrevendo, afasto o medo e adio a morte.

■ Sandra Gonzaga & Tiago Franco

sagon@globo.com / tiagofranco@gmail.com

O que é LUGAR DE FALA?



“Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la...”

(Djamila Ribeiro)

Este livro não fala de Psicanálise, mas fala sobre subjetividades construídas por meio da opressão e do horror da colonização e da escravidão. Ele nos informa da luta das minorias em busca de um lugar. Principalmente de uma minoria, que de forma nenhuma, em nosso país, é minoria. Fala sobre as várias questões em que os negros estão inseridos, inclusive de como aqui chegaram por meio da diáspora africana para serem escravizados.

A autora nos explica a trajetória dessa luta, nos convocando a conhecer algumas intelectuais negras que, nem de longe, fora desse contexto, pensamos conhecer. Tenta, com sua narrativa, desconstruir paradigmas estabelecidos por uma cultura branca que até hoje renega o lugar do negro e a sua cultura, colocando-os em um lugar de invisibilidade e de vulnerabilidade. Chama-nos a atenção para a questão da mulher negra que desde sempre foi objeto de uso – sexual e doméstico e que, até hoje, luta por um reconhecimento, não pelo corpo que traz e sua serventia, mas pelo humano que se apresenta. O livro nos convoca a pensar e a nos colocar no lugar do outro e nos evoca a escutar este outro, legitimando-o, reconhecendo, assim, a sua fala, seu lugar na pólis.

Djamila começa seu livro com uma citação da Lélia Gonzáles, uma das intelectuais de que fala no livro, que vou aqui reproduzir pelo efeito que em mim causou.

“E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações.

Exatamente porque temos sidos falados, infantilizados (infante é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa”.

A leitura deste livro provocou em mim varias sensações que, algumas vezes, identifiquei como desconfortável por perceber o quanto a cultura do racismo é encrostado em nós, brancos. Brancos? Fico na dúvida se realmente sou, mas com certeza esta leitura me fez um pouco ou muito mais humana. Vale muito a pena.

Sueli Carneiro, que é mais uma cabeça pensante e muito atuante dentro do Geledés – Instituto de Mulheres Negras, ao apresentar esta coleção sobre os feminismos plurais, do qual este livro apresentado faz parte, e cuja autora é a organizadora dessa coleção, nos diz que o objetivo desta série de livros é abrigar as mais diversas formas de expressão cultural de mulheres negras, indígenas e homens negros, que trazem em comum a insurgência desses grupos subalternizados frente aos modos de subjetivação consagrados pelo racismo, sexismo e o desafio de construção de novos imaginários restituidores da plena humanidade para todos e todas. Fica a dica.

■ **Maria Teresa Lopes**
mariateresalo18@gmail.com



PEQUENA HISTÓRIA DE PARALELISMOS ENTRE O CINEMA E A PSICANÁLISE NO SÉCULO XX

10º capítulo: tudo que você queria saber sobre Hitchcock, mas teve medo de perguntar a Freud

Nosso título brincalhão é uma paródia do título do livro que fez de Slavoj Žižek uma figura pop: *“Everything You Always Wanted to Know about Lacan: But Were Afraid to Ask Hitchcock”* – que, por sua vez, parodiava títulos como *“Tudo o Que Você Sempre Quis Saber Sobre Sexo e Tinha Medo de Perguntar”*.

Hitchcock não tem sua obra associada à Psicanálise apenas por ter dirigido *“Spellbound”* (“Quando fala o coração”, título brasileiro) com alusões a sonhos, surrealismo e repressão de memórias traumáticas. Talvez, mais do que por *“Spellbound”* e outros filmes com evidentes alusões a situações psiquiátricas (*“Psicose”*, *“Marnie – confissões de uma ladra”*), muitos filmes do corpo de sua obra trazem material para interessantes observações psicanalíticas. Por exemplo, *“Vertigo”* (Um Corpo que cai), atualmente considerado o melhor filme de todos os tempos pela enquete de 2012 da revista *Sight and Sound* entre críticos de cinema de todo o mundo (essa enquete é refeita a cada dez anos).

Sem abordar psicopatologias mais óbvias, como a cleptomania e frigidez de *“Marnie”*, ou um (questionável na realidade psiquiátrica) distúrbio dissociativo da personalidade (*“Psicose”*), o enredo de *“Vertigo”* fala da obsessão de um homem por uma mulher morta com fortes tintas eróticas no subtexto. Dificuldade de elaborar um luto apenas? Ou quase um estado de necrofilia psíquica? Sob o ponto de vista mítico e poético, é como se Orfeu voltasse a buscar Eurídice no mundo dos mortos. O desfecho sempre será o mesmo... Mais interessante ainda é a observação de que em uma expressiva parte de seus filmes, Hitchcock trabalhou com a questão da “transferência de culpa” nas situações em que um homem inocente é suspeito de um crime que ele não cometeu. Mas quem se consideraria inocente de tudo? O tema

kafkiano do inocente acusado vem desde *“The Lodger”* (de 1929, ainda no tempo do cinema silencioso) até *“Frenesi”* (1972, seu penúltimo filme), passando por *“39 Degraus”* (1935), *“Sabotador”* (1942), *“Intriga Internacional”* (1959), dentre outros. Mais especialmente temos o emblemático – desde o título – *“O Homem Errado”* (1956), seu filme mais realista, baseado num fato acontecido realmente. E, mais dramaticamente, temos *“A Tortura do Silêncio”* (*I Confess*), de 1953, no qual um padre é suspeito. E com todos os motivos para querer ver morto um chantagista que poderia denunciar seu romance com uma mulher casada. O religioso sabe quem é o verdadeiro assassino, mas não pode denunciá-lo por ter sabido do crime sob o segredo de uma confissão: o espinhoso tema do sigilo profissional man-

tido a qualquer custo – e que também interessa a psiquiatras, psicólogos, psicanalistas e profissionais que recebem informações sob privilégio. Além de sua obra instigante e cinematograficamente digna dos maiores elogios, a personalidade de Alfred Hitchcock também vem sendo alvo de interesse desde a revelação de seu relacionamento conflituoso com os atores, mais especialmente pelo assédio para com suas atrizes. Se ele exorcizava vários fantasmas nos enredos de seus filmes, uma parte significativa de suas obsessões extrapolava a sublimação possível e transbordava em comportamentos inadequados – para dizer o mínimo.

■ **Luiz Fernando Gallego**
luizgallego@gmail.com



Storyboard da cena do filme *“Vertigo”* (1958), de Alfred Hitchcock

A editoria do Intervalo Analítico solicitou autorização de Wania Cidade (Presidente da SBPRJ) para publicar o texto que circulou no Observatório Psicanalítico 46/2018 (FEBRAPSI), nos dias subsequentes ao assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. Reproduzimos na íntegra o texto redigido no calor dos acontecimentos:



Mulher negra existe!*

*Palavras de ordem gritadas no velório, sem os corpos presentes, de Marielle Franco e Anderson Gomes. Cinelândia, Centro do Rio de Janeiro, 15 de março de 2018.

Às vezes, eu só queria poder sair e minha avó não ter medo de eu não voltar

Eu só queria ter um pouco de esperança de que as coisas vão mudar

Eu só queria não lembrar que se eu pegar uma pistola ou um diploma ainda assim vão querer me matar

Eu só queria acreditar que um dia vão parar de nos matar

Mas o relógio não para e a cada 23 minutos um negro morre em algum lugar do Brasil

(Rafael Oliveira, 19 anos)



Casa das pretas

Em um seminário sobre a “História da Psicanálise”, daqueles que nos estimulam e levam longe, na investida de articular as ideias, juntá-las com os conhecimentos que já fazem parte da carne. O barulho incessante do telefone tremendo em minha bolsa. Quem poderia estar querendo falar comigo àquela hora? Eram 22:05; não hesito e deixo o aparelho sofrendo por sua própria conta. Chegavam-me, quase que simultaneamente, mensagens de dois grupos distintos, ambos de mulheres que lutam e militam por um *lugar de fala*, como diria Djamilia Ribeiro, por um mundo onde não se hierarquize direitos, abusos, arbitrariedades e sofrimento. Às 22:35, não resisto e leio uma das mensagens: *Mataram Marielle! Gente, que horror, não estou acreditando, que sinistro! Começo a tremer, como antes fizera o celular. No outro grupo, leio: Um tiro em nosso peito, oh pedaço de mim, mataram uma de nós, Marielle está morta...* Senti vontade de chorar, gritar, de pedir para pararem com tudo, UMA DE NÓS ESTÁ MORTA! Eu não compreendia. Assassinada? Mas ela era uma de nós, ser humano, humanista... No entanto, *olhar* é diferente de *ver*, *de se impactar*, de reconhecer a alteridade, de ter a capacidade de simbolizar e a representação do que seja um semelhante introjetada. Terminado o seminário, quero contar para todo o mundo em busca de um sentido – não

há. Deu-se um excesso daqueles que explodem nossa capacidade de localizar corpórea ou psicicamente aquilo que nos atingiu. Já em casa leio a poesia do meu sobrinho, Rafael, que certamente tentava esboçar um sentido para nossa dor, para o pranto que em uníssonos sentíamos em nossas almas, tentava transformar o indizível em palavras. Cruel, perverso, mas um sentido: a inexistência no campo representacional de grande parte da população brasileira do que seja o racismo, do seja ser mulher, negra, e ainda, favelada. Marielle era uma desta espécie, para muitos não existia e não era reconhecida como sujeito de direitos, contudo, foi eleita vereadora por 46 mil eleitores que acreditam que “vidas negras importam” e por dar voz a uma parcela significativa de nossa sociedade doente, cindida, desigual. Como disse a estudante de Filosofia da UnB, Ana Luiza Guimarães: *o sangue de Marielle Franco e Anderson Gomes está na mão deste Estado genocida que mata preto todo dia, que trata nossos corpos como se fossem descartáveis.*

Meia lágrima

*Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.*

*Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.*

*Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.*

*Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.
(Conceição Evaristo)*

Marielle e todas as “Mulheres Guerreiras” assassina- das em sua luta: PRESENTES, sempre! Elas existirão em mim e em todas e todos aqueles que as reconhecem como Outro, semelhante, e que acreditam que mais tarde o alvo poderá ser o seu corpo.

■ **Wania Cidade** – Presidente da SBPRJ
waniacidade@globo.com